

Esperança e barbárie: uma narrativa das infâncias pelos sonhos¹

Hope and barbarism: a narrative of childhoods through dreams

Esperanza y barbarie: una narrativa de las infancias a través de los sueños

Tatiani Müller Kohls ^[a] 

Pelotas, RS, Brasil

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

Denise Marcos Bussoletti ^[b] 

Pelotas, RS, Brasil

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

Como citar: KOHLS, T. M.; BUSSOLETTI, D. M. Esperança e barbárie: uma narrativa das infâncias pelos sonhos. *Revista Diálogo Educacional*, v. 24, n. 81, p. 644-660, 2024. <https://doi.org/10.7213/1981-416X.24.081.DS14>

Resumo

Esta pesquisa parte da indagação sobre que histórias as infâncias podem contar através dos sonhos, explorando as representações oníricas infantis e as múltiplas formas como as crianças veem o mundo. A partir da perspectiva da Sociologia da Infância e da Poética como gramática das culturas infantis, a pesquisa destaca que as infâncias e seus sonhos são espaços de resistência, oferecendo uma crítica ao mal-estar cultural e social que vivemos na modernidade. Nesse sentido, proponho uma articulação sobre esperança e barbárie e o lugar da infância na modernidade; um lugar que se mostra através da face da desigualdade e da exclusão, a partir das narrativas das crianças que participaram da pesquisa, onde o sonho diurno se coloca como fio narrativo para que essa história possa ser contada. A pesquisa adota uma abordagem etnográfica e a experimentação artística, por meio da confecção de filtros dos sonhos, valorizando o diálogo, as

¹ Este artigo é fruto da dissertação de mestrado "Sonhos e escrita de pesquisa: por uma pedagogia da Trama".

^[a] Doutora em Educação, e-mail: tatianimuller@gmail.com

^[b] Doutora em Psicologia, e-mail: denisebussoletti@gmail.com

narrativas e as histórias, visando à construção do conhecimento e de pedagogias que se constituem e se vinculam em diversos espaços sociais, valorizando os conhecimentos produzidos a partir das manifestações culturais, de saberes locais e de sujeitos tidos como “marginalizados” dentro da sociedade. Tomando as infâncias e os sonhos enquanto um momento de reflexividade, as representações se revelam como testemunhos de uma cultura, despertam e evidenciam o mal-estar cultural que vivemos.

Palavras-chave: Infâncias. Sonhos. Representações.

Abstract

This research stems from the inquiry into what stories childhoods can tell through dreams, exploring children's dream representations and the various ways in which children perceive the world. Embracing the perspectives of childhood sociology and poetics as the grammar of childhood cultures, the study emphasizes that childhoods and their dreams are spaces of resistance, offering a critique of the cultural and social malaise we experience in modernity. In this sense, the research proposes an articulation on hope and barbarism and the role of childhood in modernity. This role becomes apparent through the face of inequality and exclusion, as revealed in the narratives of the participating children, where daydreams serve as the narrative thread for telling this story. The research adopts an ethnographic approach and artistic experimentation through the creation of dreamcatchers, valuing dialogue, narratives, and stories with the aim of constructing knowledge and pedagogies that are constituted and linked in various social spaces. It emphasizes the value of knowledge produced from cultural manifestations, local knowledge, and individuals considered "marginalized" within society. Viewing childhoods and dreams as moments of reflectivity, the representations emerge as testimonies of a culture, awakening and highlighting the cultural malaise in which we live.

Keywords: Childhoods. Dreams. Representations.

Resumen

Esta investigación parte de la pregunta sobre qué historias pueden contar las infancias a través de los sueños, explorando las representaciones oníricas infantiles y las múltiples formas en que los niños perciben el mundo. Desde la perspectiva de la sociología de la infancia y la poética como gramática de las culturas infantiles, el estudio destaca que las infancias y sus sueños son espacios de resistencia, ofreciendo una crítica al malestar cultural y social que experimentamos en la modernidad. En este sentido, se propone una articulación sobre la esperanza y la barbarie y el papel de la infancia en la modernidad. Un papel que se manifiesta a través de la cara de la desigualdad y la exclusión, según lo revelado en las narrativas de los niños participantes en la investigación, donde los sueños diurnos sirven como hilo narrativo para contar esta historia. La investigación adopta un enfoque etnográfico y la experimentación artística a través de la creación de filtros de sueños, valorando el diálogo, las narrativas y las historias con el objetivo de construir conocimiento y pedagogías que se constituyen y se vinculan en diversos espacios sociales. Se destaca el valor del conocimiento producido a partir de manifestaciones culturales, conocimientos locales e individuos considerados "marginados" dentro de la sociedad. Al ver las infancias y los sueños como momentos de reflexividad, las representaciones surgen como testimonios de una cultura, despertando y resaltando el malestar cultural en el que vivimos.

Palabras clave: Infancias. Sueños. Representaciones.

Introdução

Partindo da questão “Que histórias as infâncias podem nos contar através dos sonhos?”, esta pesquisa buscou acessar e permitir a reflexão sobre as representações oníricas infantis e as múltiplas formas que as crianças possuem de ver e entender o mundo. Nesse sentido, proponho uma articulação sobre esperança e barbárie e o lugar da infância na modernidade – um lugar que se mostra através da face da desigualdade e da exclusão –, a partir das narrativas das crianças que participaram da pesquisa; onde o sonho diurno se coloca como fio narrativo para que essa história possa ser contada.

Como forma de aproximação do universo infantil, foram realizadas oficinas de construção de filtros dos sonhos², as quais podem ser pensadas, também, como uma proposição artística, visando à troca de histórias e experiências acerca dos sonhos, enquanto crítica da cultura (Benjamin, 2018; Jobim e Souza, 2009). Nesse sentido, as infâncias e seus sonhos se mostram como um lugar de resistência frente aos processos de exclusão, desigualdade social e ao empobrecimento da experiência dentro da sociedade capitalista (Benjamin, 1994).

Cabe, ainda, ressaltar a relevância social desta pesquisa, a qual pode ser observada, primeiramente, através das oficinas realizadas com crianças de zonas periféricas da cidade de Pelotas/RS, que, para além de buscar as representações das infâncias a partir de uma proposição artística, visa pensar o lugar de resistência que essas crianças ocupam. Resistência vista e sentida através de suas narrativas, que se faz pelos sonhos possíveis, como aborda Freire (2001): “sonhar faz parte da natureza humana” e “não há mudança sem sonho, como não há sonho sem esperança” (Freire, 1992, p. 91-92). Tomar os sonhos e as infâncias como crítica da cultura é olhar para os lugares de exclusão, marginalizados e de desigualdade social. Nesse sentido, essa pesquisa busca contar narrativas que se colocam como um lugar de esperança e barbárie ao mesmo tempo, para que assim, possamos nos sensibilizar a partir dos olhares das infâncias sobre a realidade social em que estamos inseridos.

O sonho pela humanização, cuja concretização é sempre processo, e sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, social, ideológica etc., que nos estão condenando à desumanização. O sonho é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanente na história que fazemos e que nos faz e refaz (Freire, 1992, p. 99).

Freire (2001), em sua obra “Pedagogia dos sonhos possíveis”, aponta para uma educação e um mundo mais humanizados, e um compromisso político, ético e democrático, projetando sonhos de mudança a partir de uma visão crítica da sociedade. Reavivar os sonhos – ou a capacidade de sonhar – é uma forma de olharmos para a realidade e o futuro próximo. Freitas (2001, p. 28), no prefácio da obra de Freire, destaca que: “incluir-se na luta por sonhos possíveis implica assumir um duplo compromisso: o compromisso com a denúncia da realidade excludente e o anúncio de possibilidades de sua democratização [...]”. Meu compromisso, nesse sentido, encaminha-se na direção de uma educação e um mundo mais humanizado, e, através dos olhares das infâncias, a realidade pouco a pouco se revela, em denúncia, nas barbáries existentes, e em anúncio e esperança de outros tempos.

² O filtro dos sonhos, também chamado de apanhador de sonhos, teia dos sonhos ou *dream catcher*, é um artefato de origem indígena norte-americana e também muito popular no Brasil. Segundo a sabedoria popular, acredita-se que esse artefato pode separar as boas e más energias que circulam pela noite, fazendo com que somente os sonhos bons, carregados de mensagens importantes, passem pela teia. As lendas contadas sobre o filtro dos sonhos dizem que sua fabricação foi ensinada pelo espírito de uma aranha, chamada Iktomi, aos nativos norte-americanos. A aranha, enquanto tecia, ensinou sobre os ciclos da vida, mostrando que tudo está interligado, e atribuiu ao filtro dos sonhos o poder de ajudar o povo indígena a ter mais clareza sobre as mensagens enviadas através dos sonhos.

Explorando o tema dos sonhos e das infâncias como principais linhas condutoras, é relevante ressaltar a produção científica recente sobre esses assuntos. Em particular, interessa saber qual é o panorama das pesquisas de pós-graduação no Brasil relacionadas às infâncias e aos sonhos. Como esses estudos contribuem para uma compreensão mais ampla das infâncias sob a perspectiva das próprias crianças? Quais pesquisas estão alinhadas com os objetivos propostos neste estudo? Dessa forma, a partir de pesquisas já realizadas, tornam-se possíveis a reflexão e o apontamento de novos caminhos a serem seguidos.

Como abarcar todo o universo de pesquisas sobre as infâncias no Brasil não seria factível, opto por buscar ações que corroboram a direção em que esta pesquisa se situa, partindo de uma perspectiva benjaminiana articulada com a Sociologia da infância e o sonho enquanto crítica da cultura. Desse modo, delimito esta pesquisa à categoria de “sonhos”, entrecruzada com “infâncias”, no banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e no Scientific Electronic Library Online (SCIELO), entre os anos de 2013 e 2017, período em que este estudo foi realizado. Nesta busca, encontrei trabalhos em diversas áreas do conhecimento, nas quais se destacam: Antropologia, Educação e Letras, sendo a categoria de “sonhos” abordada nas mais diferentes perspectivas, entre elas: gênero, questões indígenas, juventude, esportes, cinema, escolarização, educação de jovens e adultos e meio rural. Esses trabalhos apontam para diversas reflexões sobre os sonhos, e apresento um breve panorama a seguir.

Refatti (2015) aborda os sonhos junto às comunidades indígenas e reserva uma parte de seu texto para pensar os sonhos junto às crianças indígenas. O sonho, nesse trabalho, é compreendido a partir das relações socioculturais, vivência, atividades xamânicas e narrativas dentro da comunidade pesquisada. Almeida (2016) apresenta reflexões sobre os sonhos junto a uma família indígena tupi-guarani, abordando as múltiplas dimensões do sonho, como as relações estabelecidas entre o grupo estudado, dimensão do cosmos e mensagens divinas, salientando que aquilo que é vivenciado durante o sono influencia também a vida desperta da comunidade.

Gomes (2014) aborda as relações de gênero no meio rural e atividade rendeira como produção de uma atividade econômica sustentável. O sonho, nesse contexto, aparece em meio à história de vida dessas mulheres e à cultura da renda em suas vidas. Souza (2015) trata o sonho a partir das relações de gênero entre mulheres alunas de turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A categoria de sonho aparece como expectativa e desejo da conquista e da autonomia de mulheres que trilham um caminho na busca do processo de escolarização.

Nascimento (2016) aborda a vulnerabilidade social de crianças e jovens em conflito com a lei, e em sua abordagem, o sonho não aparece de forma central, salientando apenas as condições em que vivem, bem como os direitos das crianças e adolescentes. Alves (2015) reflete sobre o processo identitário de jovens quilombolas e o sonho aparece no sentido de memória e reconhecimento do lugar em que estão inseridos, a partir de projetos individuais e coletivos. Já o estudo de Soares (2016) aponta para a reflexão sobre a vulnerabilidade social da juventude, com o objetivo de compreender os anseios, expectativas, sonhos e visão de futuro dos adolescentes inseridos no Programa de Bolsas de Estudo da Instituição Educacional – Colégio Liceu Nossa Senhora Auxiliadora, de Campinas. Appolari (2015) e Carvalho (2014) refletem o sonho a partir dos jogos eletrônicos, na qual a produção artística está ligada a experiência onírica do autor. Esses trabalhos mencionados, apesar da sua relevância e tendo a categoria de “sonho” como elemento em suas pesquisas, não se aproximam de fato com as questões abordadas nesse estudo.

Sobre o uso do artesanato, da arte e das histórias de vida, o trabalho de Corrêa (2017) se aproxima desta proposta ao pensar no artesanato como uma forma política, pedagógica e de resistência, articulando pesquisa, educação e criação: “A intenção é pensar o artesanato como um saber que potencializa o desejo de criação, de percepção de si, de subjetividade, de individualidade e de coletividade” (Corrêa, 2017, p. 20).

Mais recentemente, a etnografia de Limulja (2019) apresenta os sonhos como um aspecto central em uma comunidade Yanomami, mostrando como eles se relacionam com o mundo através dos sonhos. A autora não busca interpretar ou enquadrar os sonhos em gráficos ou teorias, antes de tudo, se interessa em descobrir o que os Yanomami fazem com seus sonhos, e parte de um estudo que toma os sonhos por si mesmos; diferentemente de outras pesquisas em que os sonhos estão sempre relacionados com o xamanismo ou com os aspectos mitológicos. Os sonhos também estão no xamanismo e na mitologia Yanomami, mas, ao olhar para eles sem correlação com esses aspectos, Limulja busca a possibilidade de abordá-los como uma experiência onírica, e aponta que o sonho “está em todos os lugares. E, na floresta yanomami, tudo sonha e tudo pode ser sonhado” (Limulja, 2019, p. 15).

O levantamento desses trabalhos, no período em que esta pesquisa foi desenvolvida, aponta diversos caminhos e perspectivas pelos quais a categoria “sonho” tem sido abordada, trazendo contribuições relevantes para suas áreas de conhecimentos. Porém, poucos foram os estudos encontrados na área da Educação, e nenhum deles aborda de fato o olhar das infâncias pelos sonhos, ou ainda, que tomem o sonho enquanto crítica da cultura e da contemporaneidade. Diante desses apontamentos, reitero e justifico a importância deste estudo, o qual pretende acessar e permitir a reflexão sobre as representações oníricas infantis e as múltiplas formas que as crianças possuem de ver e entender o mundo, visando o lugar de infância e os sonhos enquanto uma crítica da cultura.

Outros trabalhos que se encaminham e se aproximam de questões abordadas nesta pesquisa são dissertações e teses produzidas pelo grupo de pesquisa Narrativas, Arte, Linguagem e Subjetividade (GIPNALS), vinculado a Universidade Federal de Pelotas, ao qual este estudo se vincula. São trabalhos que refletem sobre um processo de educação e resistência, de estéticas e metodologias que possibilitam pensar e construir conhecimentos que se afirmem de um outro lugar, valorizando as culturas populares e os saberes locais.

Entre essas produções, cito a tese de Duarte (2017, p. 05), que, através da Educação Desordeira, defende a “[...] possibilidade de transformação da educação, tendo a poética das infâncias como perspectiva”, baseada em Benjamin e na estética surrealista como método e reflexão da pesquisa. Costa (2014) problematiza a escultura enquanto uma forma narrativa dentro do processo de educação e resistência da cultura, apontando para a construção de Outros Sujeitos e Outras Pedagogias possíveis. Martins (2018) aborda as representações da música da Mestra Griô Sirley Amaro, trazendo elementos que visam, através da oralidade, os processos de educação e resistência que apontam para Outras pedagogias. Sua escrita é um texto-trama que se tece na busca de uma educação sensível “[...] sobre Outras formas de se aprender e ensinar, calcadas nos saberes populares” (Martins, 2018, p. 92). Haerter (2017), ao abordar as narrativas quilombolas, se debruça a pensar em Outras pedagogias que surgem do processo de contação de histórias, que visam à transmissão da cultura, de experiências e saberes, “[...] contribuindo para a formação de sujeitos, ensinando jeitos quilombolas de ser e colaborando para a produção desses sujeitos, hoje” (Haerter, 2017, p. 18). O autor também trabalha com a categoria de sonho, que surge a partir das narrativas quilombolas: “[...] as representações secularizadas que posicionam os sonhos para aqueles sujeitos que sonham e elaboram a narrativa do conteúdo dos próprios sonhos”

(Haerter, 2017, p. 149). Nesse sentido, os sonhos, podem trazer “[...] protagonismos que podem contribuir na perspectiva de uma reescrita da história” (Haerter, 2017, p. 153),

Ribeiro (2018, p. 08) propõe a tese que “toma como base as contribuições de Walter Benjamin acerca da barbárie que atravessa a história como um raio e do movimento surrealista em sua embriagada crítica ética, estética e política na direção de um (im)possível reencantamento do mundo”. Martins (2022) defende a tese que concebe a Pedagogia do Fuxico, através da articulação de saberes e memórias, juntamente com as práticas vividas com a Mestra Griô Sirley Amaro, como alternativa ao empobrecimento da experiência. A Pedagogia do Fuxico “é tecida através das tramas da ancestralidade, da oralidade e da musicalidade” (Martins, 2022, p. 07). A tese de Tatiani Kohls (2023), defende uma escrita de pesquisa pelos sonhos, uma escrita poética, enquanto reencantamento ético e estético do mundo que se dá no entrecruzamento de memórias, saberes, conhecimentos, reflexões teóricas e metodológicas, e na luta contra o empobrecimento da experiência, a partir da perspectiva benjaminiana, no sentido da recuperação da força narrativa, e por meio da experimentação, do fazer artístico e educativo, propõe a Pedagogia da Trama como um lugar de novas e renovadas aspirações educativas possíveis.

Esses trabalhos, realizados pelo Grupo de Pesquisa Narrativas, Arte, Linguagem e Subjetividade (GIPNALS) apontam para saberes e pedagogias que se constituem e se vinculam em diversos espaços sociais, valorizando os conhecimentos produzidos a partir das manifestações culturais e saberes locais e de sujeitos tidos como “marginalizados” dentro da sociedade.

A partir dessas diversas contribuições científicas, acredito que o processo de Pesquisa e Educação esteja alinhavado, permitindo e defendendo a construção de conhecimentos para além dos moldes tradicionais, rompendo com a lógica estabelecida. Nesse sentido, reafirmo, ainda, o compromisso político de produzir uma ciência crítica, que transite pelos caminhos da arte e da experimentação.

Infâncias e representações

Nessa perspectiva, para se pensar nesses olhares das infâncias e suas representações, tomo como base o conceito de “representar”, sendo:

Tanto reapresentação e, portanto, cópia fiel da realidade – como interpretação. É, pois, um misto de pré-ciência, ainda nos estágios de descrição do real, e de teatro, em que atores criam um mundo imaginário, reflexo também do mundo em que vivemos – um exemplo como queria Wittgenstein, do poder da linguagem de criar o mundo (Spink, 2004, p. 07).

As contribuições das representações sociais são articuladas através do campo da Psicologia Social, cuja conceituação foi proposta por Serge Moscovici (2003), e sistematizada por Denise Jodelet (2005), referindo-se a um conjunto de fenômenos sociais, saberes e conhecimentos, organizados de diversas formas, que buscam dizer algo sobre a realidade social. Desse modo, a teoria das representações sociais leva em consideração a produção de conhecimentos e saberes tidos como “não oficiais”, mas que produzem impacto sobre as relações sociais e a possibilidade de apresentar e reapresentar questões que se efetivam na prática social, ou como nos aponta Moscovici (2003):

Representar significa, a uma vez e ao mesmo tempo, trazer presentes as coisas ausentes e apresentar coisas de tal modo que satisfaçam as condições de uma coerência argumentativa, de uma

racionalidade e da integridade normativa do grupo. [...] Consequentemente, o status dos fenômenos da representação social é o de um status simbólico: estabelecendo um vínculo, construindo uma imagem, evocando, dizendo e fazendo com que se fale, partilhando um significado através de algumas proposições transmissíveis e, no melhor dos casos, sintetizando em um clichê que se torna um emblema (Moscovici, 2003, p. 216-217).

Nessa perspectiva, as representações sociais se tornam importantes nesta pesquisa no sentido de pensar as infâncias a partir do conhecimento socialmente compartilhado por elas. As crianças também são produtoras de cultura, criam e recriam significados e representações sobre o mundo. Pela perspectiva da sociologia da infância, a criança é compreendida enquanto sujeito que também afirma seu lugar na sociedade. A criança, muitas vezes, é vista como aquele que não é dotado de conhecimento, que não pensa, que não participa, que não possui valores e, por isso, “[...] necessita de encontrar quem o submeta a processos de instrução [...] e carece de ser disciplinado e conduzido moralmente” (Sarmiento, 2005, p. 368). Desse modo, as infâncias são aqui compreendidas como produtoras de conhecimentos e manifestações críticas sobre a cultura e a sociedade.

Assim como a criança constrói sua cultura e suas representações, surgem também reflexões dos lugares que as infâncias ocupam na modernidade. As crianças carregam também o peso da sociedade deixada pelos adultos. As imagens das infâncias que surgem são tantas. Crianças que têm acesso à riqueza, às melhores escolas, a plano de saúde, à alimentação diária. Mas há também as crianças que vivem em desigualdade social, em estado de guerra, vítimas de abusos, que passam fome, que não possuem acesso à educação e à saúde. Esses são alguns dos legados, entre tantos outros, que nós, adultos, estamos deixando.

Nesse sentido, em um exercício de tentar mostrar, pelos olhares das infâncias, a cultura e a sociedade em que estamos inseridos, tomando os sonhos como fio condutor desta narrativa, busco um movimento que toma a poética como linguagem necessária na condução dessa escrita, baseada nas contribuições de Bussoletti (2007), o qual defende a poética como eixo das gramáticas das culturas da infância, propostas por Sarmiento (2004), sustentando a tese que concebe a poética (imagem e palavra imagética) como um dos eixos tradutores da cultura das infâncias.

Através dos olhares das infâncias, podemos “[...] recuperar o olhar crítico sobre o mal-estar de nossa cultura” (Jobim e Souza (2000, p.98), pois “a criança, na sua fragilidade, aponta ao adulto verdades que ele não consegue mais ouvir ou enxergar [...]” (Jobim e Souza, 2000, p.97). As infâncias podem nos apresentar ou reapresentar um novo olhar sobre as coisas e o mundo, e questionam nossas certezas...

[...] nos aponta um desvio para a formulação de uma compreensão outra da experiência de ser criança. Ou seja, a infância tomada, então, como um caminho indireto que nos conduz a uma dimensão do conhecimento que não se esgota nos discursos que têm sido, na época moderna, proferidos sobre ela. Portanto, o discurso sobre a criança irá se entrecruzar, neste texto, com o discurso da dimensão filosófica da experiência da infância, permitindo que essas duas formas distintas de narrativas que têm como conteúdo a infância, conduzam à formulação de uma terceira via de pensamento, ampliando, assim, nossas possibilidades de compreensão do homem e de suas relações com o conhecimento, a cultura e os modos de subjetivação da criança e do adulto na contemporaneidade (Pereira; Jobim; Souza, 1998, p. 27).

Na visão de Jobim e Souza, a infância pode ser vista alegoricamente como forma de reencantar ou desencantar o mundo, trazendo e apontando críticas sobre a cultura e a sociedade. Desse modo, elejo as infâncias como um lugar reflexivo no sentido de tornar compreensíveis as representações infantis,

buscando, através de um “exercício de alteridade”, no “Outro”, ou através do “outro”, novas significações ou ressignificações (Bussoletti, 2007).

Eleger a infância se coloca, assim, como uma alternativa de pesquisa a um mundo adulto sensorialmente empobrecido. Através de Benjamin, acredito que as crianças são capazes de decifrar o “rosto do mundo das coisas”, dar visibilidade e riqueza a tudo aquilo que, abandonado pelo mundo adulto, nos provoca a meditar sobre esse “canteiro de obras”, sobre esse rótulo de insensato que as “rançosas especulações” acadêmicas têm outorgado às produções infantis, ou que por um reducionismo especulativo qualquer nos impeçam de compreender que “a terra está cheia de objetos” e que a atenção e a ação das crianças sobre estes pode renovar, criar e imprimir novos significados (Bussoletti; Guareschi, 2011, p. 307).

As infâncias podem nos apresentar ou rerepresentar um novo olhar sobre as coisas e o mundo, e questionam nossas certezas. Assim, me pergunto: que “novo olhar” ainda podemos ter sobre esse “mundo empobrecido” pelos adultos?

O universo de pesquisa

A pesquisa foi realizada em um Instituto de Ensino Fundamental da cidade de Pelotas/RS, que atende meninas provindas de famílias em situação de vulnerabilidade social³. O Instituto funciona como uma escola das séries iniciais (primeiro ao quinto ano) e incorpora, às suas atividades, diversos projetos e oficinas realizados por parcerias e voluntários no turno inverso ao horário de aula. A proposição artística de confecção de filtros dos sonhos surge pelo interesse das próprias crianças, as quais viam em minha mochila um chaveiro de filtro dos sonhos e perguntavam se eu podia ensiná-las a fazer. A partir desse pedido, minha inserção na escola como voluntária, para desenvolver um projeto de extensão vinculado ao Grupo Interdisciplinar de Pesquisa Narrativas, Arte, Linguagem e Subjetividade (GIPNALS), vinculado a Universidade Federal de Pelotas, começou a ser dividido entre as oficinas de filtros dos sonhos⁴.

Nesse sentido, como já mencionado, o filtro dos sonhos me permitiu uma aproximação com o universo infantil e suas narrativas, e além desse movimento, os caminhos metodológicos desta pesquisa se ancoram também em pressupostos da etnografia.

O processo de pesquisa etnográfico pode ser entendido como a vivência com outros modos de vida e em outro contexto cultural, fazendo-nos compreender a importância de conhecer o “outro”. O processo de “estranhamento” faz parte desse método, que toma a cultura como objeto de indagações (Cardoso de Oliveira, 2003), e consiste em uma interação e participação da pesquisadora junto ao grupo pesquisado, priorizando sempre a visão do “outro”, bem como, um envolvimento subjetivo, sensível e de experimentação: “O trabalho de campo etnográfico permanece como um método notavelmente

³ O Instituto atendia apenas estudantes meninas, e funcionava em uma parceria entre a Igreja Católica e o município. Para que as meninas pudessem se matricular na escola, um dos requisitos era que a família fosse beneficiária do Programa Bolsa Família.

⁴ Ao acordar a realização da pesquisa com o Instituto, foi disponibilizada uma turma do terceiro ano, com 15 alunas, e outra do quinto ano, também com 15 alunas. As oficinas foram realizadas durante um período de 07 encontros em cada turma (entre os anos de 2016 e 2017), sendo que cada oficina teve a duração de 1 hora e 30 minutos. Todas as alunas dessas turmas foram convidadas a participar, com prévia autorização de seus responsáveis. Tiveram, ainda, a liberdade de abandonar ou ingressar na pesquisa a qualquer momento. Ressalto que, nesta pesquisa, os procedimentos éticos foram respeitados, e o projeto de pesquisa foi aprovado mediante avaliação de um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), submetido através da Plataforma Brasil, regida pela resolução n. 466 de 12 e dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde, e pelas determinações da Comissão de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. O mesmo encontra-se liberado e aprovado, sob Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) número 79280017.9.0000.531 e Parecer Consubstanciado do CEP número: 2.403.426.

sensível. A observação participante obriga seus praticantes a experimentar, tanto em termos físicos quanto intelectuais, as adversidades da tradução” (Clifford, 2008, p. 19-20). Clifford aponta que a experiência etnográfica está também imersa em um processo de escrita, já que é através da escrita que poderemos “traduzir” as experiências vividas, e nesse processo a escrita “[...] repousa nas margens entre o eu e o outro. Metade de uma palavra, na linguagem, pertence a outra pessoa” (Clifford, 2008, p. 42). Assim, a escrita e a linguagem etnográfica são atravessadas por subjetividades específicas.

Amorim (2004) salienta que é a partir da alteridade que se tece o trabalho entre pesquisador e pesquisado, pois é somente a partir dessa relação com o Outro que o saber vai sendo produzido. A polifonia se torna algo fundamental para que se estabeleça esse processo de alteridade, pois, nesse encontro com o Outro, aprendemos não somente sobre aquela cultura em que estamos inseridos, mas aprendemos também sobre nós e o nosso olhar sobre o Outro. Nesse sentido, a análise e o tratamento das representações trabalhadas nessa pesquisa seguiram as reflexões em torno da abordagem da escrita de pesquisa nas infâncias, tal como é compreendida por Bussoletti (2007), como um “exercício de alteridade”, através das infâncias, e buscando, nesse “Outro” que são as crianças, novas possibilidades de significações ou ressignificações da cultura.

A partir da experimentação e da liberdade nas oficinas de criação de filtros dos sonhos, buscava um momento de troca, de experiências e de diálogo com as crianças, tendo sempre os sonhos, numa perspectiva de futuro, como fio narrativo. Diante das oficinas realizadas, percebi que não tramamos apenas o filtro dos sonhos; nossas próprias histórias se tramam, pelas perdas, pelas angústias, pelos medos e pelos próprios sonhos, que se atravessam e se misturam. Muitas vezes me via nos sonhos expressados por aquelas meninas, tratava-se de um momento de troca profunda. É nesse sentido que a vivência e a experiência com o Outro se concretiza e possibilita o acesso às representações infantis.

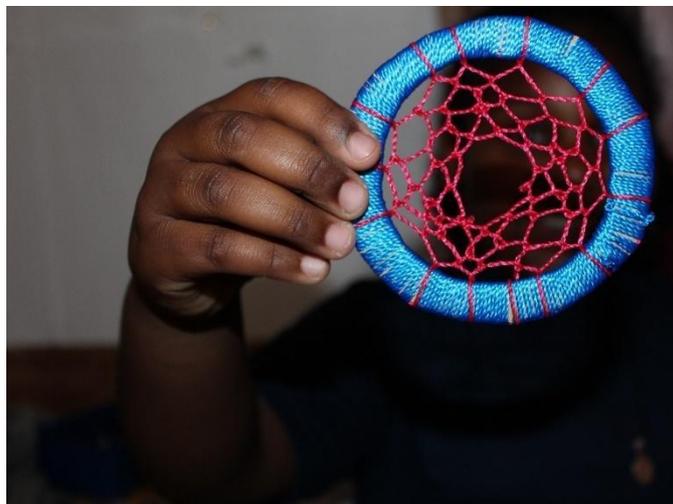
Para que todas as narrativas dessas meninas pudessem encontrar e ocupar seu lugar nessa história – uma história contada pelos sonhos –, optei pela criação de uma personagem como forma de manter o anonimato em relação aos nomes verdadeiros das crianças. A criação de uma personagem que assume a voz das participantes da pesquisa é realizada também por Bussoletti (2010), e, a partir daí, encontro a sustentação teórica para criar Helena, que carrega a voz dessas meninas. Ciampa (1987, p. 157) diz que: “identidade é história. Isto permite afirmar que não existe personagem fora de uma história, assim como não há história (ao menos história humana) sem personagens”. Desse modo, as falas dessas meninas constituem um único texto, na tentativa de uma escrita polifônica que se expressa em protagonismos e pura poética. Os dados apresentados seguem a técnica da montagem como elemento estético, valorizando também os fragmentos pelos quais apresento esses olhares (Benjamin, 2018). Nesse sentido, reafirmo, ainda, o compromisso político de produzir uma ciência crítica, que transite pelos caminhos da arte e da experimentação.

E, assim, apresento Helena: menina entre 9 e 12 anos, negra, moradora da periferia, estudante de um Instituto Católico que funciona como escola das séries iniciais. Para se matricular na escola, é necessário que a família esteja cadastrada no Programa do Governo Federal Bolsa Família⁵. Esta é Helena, que, por entre sonhos, um tanto se mostra. E o que virá a seguir é uma tentativa de mostrar o que pude ver, ouvir, sentir, com, para, por e... quem dera... pelas crianças.

⁵ O Programa do Governo Federal Bolsa Família (criado em 2003 pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva) foi extinto durante o governo do presidente Jair Bolsonaro (2019-2022), para então ser criado o programa Auxílio Brasil. Em 2023 o atual Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, sancionou a Lei nº 14.601, que institui o novo desenho do Programa Bolsa Família.

Uma narrativa das infâncias pelos sonhos

Figura 1 – Os sonhos de Helena



Fonte: Foto da autora (2016).

Helena tem muitos sonhos e eles pulam e brotam, querendo todos ser sonhados, e eu, tentando encontrar algum fio por entre eles, percebo que é como se, num primeiro movimento, algo mágico se produzisse. Assim, Helena trama também seus sonhos e, sem pestanejar, vai se apresentando e dizendo: Eu sou Helena e eu quero ser princesa!

Helena conta que seu sonho é ter uma mansão, quer ter uma casa bem linda e bem grande, ela quer dar uma casa para sua mãe e dar um milhão, um carro e uma limusine. Só que a mansão de Helena, cá entre nós, é mesmo ter uma casa de sorvete.

Helena gosta de brincar no parque e sonha ser pediatra ou médica de adulto, para ajudar as crianças e os adultos a tirarem o machucado. Ela tem convicção e afirma: eu vou ser uma ótima pediatra! Mas ela também diz que poderá ser modelo, atriz de TV ou bailarina e professora de balé, cantora e artista. Ou, quem sabe, ser veterinária para ajudar os bichinhos? Ou ainda ser engenheira e arquiteta, mas poderá também ser policial, para prender os ladrões, ou ainda doutora particular. Trabalhar numa pizzaria e tocar piano, ou ainda, sonha ser advogada; e, para ser advogada, ela sabe que precisa estudar muito, e, sabendo disso, ela diz: então eu quero estudar! Helena conta que quer ser autora de livros e me diz que sonha em ser inteligente e virar professora e, se as crianças fizessem bagunça, ela deixava sem recreio. Também sonha em educadora, professora de educação física ou português. Para alguns minutos e logo diz: meu sonho mesmo é dormir no colégio.

Contudo, no fundo, o que ela quer, me revela em um quase segredo: eu quero mesmo é ir para o Rio de Janeiro ou mesmo até para os Estados Unidos, ir para Orlando. Eu quero mesmo, ela diz, é ir para a Disney. Ou ir para Paris. Dizendo isso, Helena ri e complementa: eu nem imagino onde fica, mas sei que vou ir de avião.

Helena diz que “Quando a gente dorme, a gente sonha”, e ela sonha ser princesa. Conta que quer casar e ter filhos. Melhor, por ela: eu quero ter filhos e filhas, o quanto Deus me der. Quero ter um marido que me respeite, que me dê privacidade, que respeite minhas decisões, que me ajude e que não

me traia. Mas, antes disso, eu quero que meu pai possa comprar um carro. Dizendo isso, ela para e afirma: na verdade, meu sonho é ter um pai. Ter um pai e que meu pai fosse bom para mim e para meu irmão, que meus pais não se separassem, porque eu quero ficar junto com eles.

E, se nada disso for possível, Helena diz que quer um *skate* de guria, uma bicicleta e também uma sala cheia de bonecas. Ela quer ter um *notebook* ou celular, ou, se possível, ela quer ter um canal no Youtube e um Facebook. Mas Helena diz também que quer ter mais, quer ter um parque aquático; porque no fundo, no fundo, ela quer ser um golfinho. E nisso, de repente, os sonhos de Helena parecem querer um outro tempo, e ela me diz que quer crescer rápido, e, em outros momentos, diz que: Meu sonho é voltar a ser bebê. Não... não... Meu sonho é pular bem alto e voar.

Helena conta ainda que, em seus melhores sonhos, sonha ter um diamante de ouro valioso e ser rica. Mas ela quer mesmo é ser milionária e ajudar os pobres e os moradores de rua. Helena diz que: se pudesse, daria uma casa pra eles e comida e roupa e ia levar no médico. E, por entre tantos sonhos, assim como nos contos de fadas, Helena princesa pontua, dizendo: Eu quero mesmo é viver feliz para sempre, eu quero ter saúde.

São tantos os sonhos de Helena que, por vezes, confundo. Em um deles, ela conta que estava embaixo da cama dela, porque ela estava fugindo de um monstro. Em outro, ela diz que era uma heroína, que salvava a cidade, pois tinha um grupo de super-heróis. Um dia, Helena conta que brincou até de noite e se cansou demais e dormiu na barraca do quintalzinho. Ela disse que, nesse dia, teve medo, mas logo adormeceu e teve um sonho; nesse sonho, ela, princesa, era a rainha das fadas e sua mãe estava lhe abraçando bem apertado e dando-lhe beijos.

Mas o melhor, o melhor dos seus sonhos, Helena lembra que foi quando ela sonhou que a sua vó tinha dado a ela uma bola de cem reais. Esse e outros sonhos bonitos são os sonhos que vêm do pôr do sol, vêm do coração e do amor das pessoas. Afinal, ela sabe e reafirma que o sonho é muito importante para as crianças, e para as pessoas. É importante e deve ser cultivado, como se os sonhos surgissem, defende ela agora, de uma fazenda, depois de uma colheita. E nesta colheita são colhidos pela ordem: cebola, carinho e sonhos, afinal, colhem os sonhos na fazenda com amor.

Ninguém sabe (só Helena) que, no país dos sonhos, tem uma touca de sorvete, chuva de *cupcake*, nuvem de *marshmallow* e árvores de pirulitos. Esse país é tão interessante que tem ainda uma árvore que dá dinheiro e uma cachoeira que, em vez de água, saem notas de cem reais. Mas esse país dos sonhos só é possível de ser encontrado quando a gente tá feliz, porque, se a gente estiver triste, não vêm os sonhos, vêm os pesadelos. E depois? Depois ela diz que, quando os sonhos já foram entregues, eles vão para o céu. Olhando para o céu, Helena conclui: A borboleta é uma ótima sonhadora, porque, quando ela é uma lagarta, ela sonha que vai virar borboleta.

Nisso ninguém mexe! Grita, por fim, Helena, tentando ainda proteger alguns sonhos profundos, que resistem. Mas, no final, sabemos que a decisão não será de Helena, que junta aquilo que pode, tentando fugir desse ato final. Helena agarra seu sonho cuidadosamente e com todas as suas forças. Helena quer que tudo dê certo e que, no futuro, ela tenha o amor das pessoas e possa ser feliz.

Realizar os sonhos é importante, diz Helena, pois o sonho vem do que a gente fala e depois eles se realizam e, se a gente acreditar, ele se realiza. Dizendo isso, Helena, como que num desespero último, me diz: Tia, de noite eu, às vezes, não sonho, mas ninguém vai tirar o meu sonho. Talvez o meu sonho nunca vire realidade!

Esperança e barbárie

A partir de suas narrativas, Helena nos revela um rosto, o rosto da realidade social na qual está inserida. O rosto de um mundo que lhe nega conhecer uma cachoeira, ou então, tomar um sorvete. Um mundo que permite que ela, como tantas outras crianças, sonhe, sonhe com possibilidades infinitas; mas, ao final, sabemos que esses sonhos não passam de uma promessa que vem e nunca se cumpre. As infâncias e seus sonhos, tomados como uma forma reflexiva, nos jogam para esse caminho que conduz a uma reflexão sobre o mal-estar cultural e social que vivemos hoje.

Os sonhos de riqueza de Helena levam a pensar sobre a sociedade de classes e as profundas marcas deixadas pelo capitalismo. Helena demonstra, através de suas narrativas, o sonho de ajudar os mais pobres, que não possuem acesso aos bens de consumo e, muitas vezes, nem mesmo possuem acesso aos serviços básicos, como saúde e educação. Helena quer mudar a realidade em que vive e sonha com uma vida melhor. Através dos sonhos de Helena, podemos olhar de forma crítica para a sociedade capitalista, na qual a burguesia (classe que possui os meios de produção) acumula seu capital sobre o trabalho do proletário (classe de operários, que, não possuindo os meios de produção, vende sua força de trabalho à classe burguesa), em forma de exploração (Marx; Engels, 2014). Helena sabe dessas contradições econômicas e sociais, e, no sonho de riqueza, ela constrói a representação da realidade em que vive.

No sistema capitalista de produção, a divisão do trabalho, a propriedade privada e a troca capitalista se interpõem entre o homem e sua atividade, entre o homem e a natureza, entre o homem e o homem. O homem é confrontado de modo hostil pela natureza por meio da troca e pelo homem por meio do antagonismo capital e trabalho. Nesse sentido, o trabalho deixa de ser manifestação da vida, para se transformar em alienação da vida; trabalhar para viver, imposição de uma necessidade externa, que torna o homem desumanizado. Quando a atividade vital do homem é apenas um meio para um fim, não se pode falar de liberdade, porque a capacidade humana que se manifesta nesse tipo de atividade é dominada por uma necessidade exterior (Jobim; Souza, 2009, p. 37).

Dentro do modo de vida capitalista, Jobim e Souza (2009) enfatiza que cada vez mais se faz presente a privacidade e o individualismo e demonstra que as crianças mostram ter consciência das contradições da sociedade de classes. As crianças também são alvo da sociedade capitalista, produzem e reproduzem seus valores, interiorizando seus princípios. O sonho de consumo, gerado pelo capitalismo, se expressa também nos sonhos de Helena. Jobim e Souza salienta que: “a infância se coloca como um método para uma discussão crítica do conceito de modernidade em relação à dimensão da cultura e do progresso” (2009, p. 27). Michael Löwy (2015) se refere à modernidade enquanto um projeto civilizatório capitalista e burguês. O capitalismo, junto às promessas da modernidade, anunciou um “novo tempo” e, com o avanço do progresso, se colocou como uma nova forma de barbárie (Benjamin, 1994).

Diante desse cenário, sonhos e desejos tão simples são negados a tantas crianças do mundo que vivem em um processo permanente de desigualdade e exclusão social. O anúncio de progresso e o projeto da modernidade e a sociedade capitalista não permitem que Helena e tantas outras crianças possam brincar no parque e tomar um sorvete, e dessa forma a promessa anunciada se cumpre em barbárie.

Helena mostra a beleza de um outro lugar possível, mas, ao acordar, não somente do sonho, mas, ao abrir os olhos para a realidade, ao despertar, assim como propõe Benjamin (2018), vê que a barbárie está posta e instalada em nossos dias. Diante disso, me pergunto se Helena poderá acessar os lugares

que almeja. E, assim, questiono: Que lugares as infâncias ocupam na modernidade? Um lugar de exclusão social? De barbárie? Um lugar em que não há sonhos? Ou melhor: “Por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie?” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 2).

Para Ribeiro (2018) a história pela infância se revela por entre a barbárie e o reencantamento do mundo. A ideia de “desencantamento do mundo” está relacionada ao pessimismo cultural, “um olhar desencantado sobre a modernidade”, diante de uma visão de mundo romântica (Löwy, 2014, p. 43). O romantismo, neste caso, pode ser compreendido não apenas como uma escola literária do século XIX, mas também como uma:

[...] forma de sensibilidade que irriga todos os campos da cultura, uma visão de mundo que se estende [...] até nossos dias, um cometa cujo “núcleo” incandescente é a revolta contra a civilização capitalista-industrial moderna, em nome de certos valores sociais ou culturais do passado (Löwy, 2013, p. 8).

Como retomar o sonho, a esperança e o reencantamento de uma sociedade que parece estar perdida dentro de um projeto de modernidade cheio de promessas, onde, ao mesmo tempo, as infâncias continuam ocupando lugares marginalizados? É diante desse cenário que as infâncias e seus sonhos se apresentam e através de suas narrativas buscam ocupar seu lugar na História. Uma história que transita entre a esperança e a barbárie..

Repito, em reformulação, a constatação que carrego ao final – provisório e necessário – desta pesquisa: crianças estão em cruzada em busca de um lugar verdadeiro de proteção e protagonismo, porque as promessas que lhes foram feitas se realizam, na maioria das vezes, enquanto promessas-barbárie. As promessas societárias hegemônicas de hoje e de ontem para a infância pobre são projetos civilizatórios que pouco mais fazem do que manter o consenso social e o devido lugar “marginal” estruturalmente “destinado” a determinados grupos sociais pelo projeto capitalista burguês moderno. Desta forma, aqui defendo que através da montagem de uma história imagética da infância pobre, a medieval lenda da Cruzada das Crianças retorna como parte do projeto civilizatório capitalista moderno (Ribeiro, 2018, p. 21-22).

Através das representações de Helena, sonhos de riqueza, conquistas, profissões e viagens apontam para a reflexão sobre o lugar que as infâncias realmente ocupam na sociedade, e o projeto que se instaura na modernidade empurra Helena, e, mesmo que ela vista as asas do anjo da história⁶, “as asas abertas talvez não signifiquem promessas de voo” (Pereira; Jobim; Souza, 1998, p. 32).

Os sonhos de casa também se fazem presente nos sonhos de Helena. Sonha com uma casa bem linda e bem grande, com uma mansão e castelos. Sonha incessantemente dar uma casa para sua mãe. Ao observar atentamente, sabemos que casas grandes e mansões não condizem com a realidade na qual Helena está inserida. Como colocado anteriormente, Helena e sua família são beneficiadas pelo Programa Bolsa Família, o que me leva a visualizar uma realidade e vida simples, nas zonas periféricas da cidade. Helena nunca me contou sobre sua real casa, mas, em rápidas conversas, deixava escapar que

⁶ O anjo da história é referido por Benjamin (1994) em suas teses sobre o conceito de história: “Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso” (Benjamin, 1994, p. 226).

dividia seu quarto com demais irmãs ou irmãos, às vezes, 3 ou 5. Às vezes, dizia que dormia no mesmo quarto que sua mãe, e sua casa possuía mais uma peça, que faziam de cozinha e sala. Não é uma casa espaçosa como Helena deseja e sonha.

Cabe, ainda, pensar sobre o monstro que Helena enfrenta. Ela não revela seu rosto, mas diz que já sonhou com o mais terrível e tenebroso do mundo. Me questiono se esse monstro é o inimigo ao qual Benjamin (1994) se refere, que nunca deixou de vencer. É a sociedade capitalista, que avança e engole tudo e todos? Ou esse monstro somos nós, que, sem perceber, cortamos o fio que tece o sonho? Só Helena poderá dizer ao certo quem é esse monstro do qual ela foge e qual a sua face. Por enquanto, através de suas representações, Helena me dá pistas possíveis, mas não uma conclusão.

E, pela porta entreaberta chamada esperança, Helena espera, pelo temido ou pelo esperado. E, nessa espera de um sonho possível, Helena habita o lugar da esperança (Bloch, 2005), e seus sonhos resistem e lutam, para um possível final feliz. Os sonhos tomam, aqui, um lugar de esperança, como forma de expectativa, de transformação daquilo que almejamos. Para Bloch, os sonhos diurnos perpassam a vida de todos os seres humanos.

Nenhum ser humano jamais viveu sem sonhos diurnos, mas o que importa é saber sempre mais sobre eles e, desse modo, mantê-los direcionados de forma clara e solícita para o que é direito. Que os sonhos diurnos se tornem ainda mais plenos, o que significa que eles se enriquecem justamente com o olhar sóbrio – não no sentido de obstinação, mas sim no de tornar lúcido. Não no sentido de entendimento meramente contemplativo, que aceita as coisas como são e estão no momento, mas sim no de participação, que as aceita em seu movimento, portanto, também como podem ir melhor. Que os sonhos diurnos se tornem, desse modo, realmente mais plenos, isto é, mais claros, menos caprichosos, mais conhecidos, mais compreendidos e mais em comunicação com o correr das coisas. Para que o trigo que quer amadurecer possa crescer e ser colhido (Bloch, 2005, p. 14).

O sonho diurno nos move e, a partir dele, podemos moldar, articular e criar novas possibilidades. Desse modo, o destino de Helena não estaria predeterminado. “Os sonhos de um mundo melhor como um todo buscam a exterioridade de sua interioridade, aparecem como arco-íris extrovertidos ou em forma de abóbada” (Bloch, 2005, p. 93). Os sonhos de melhoria do mundo se apresentam a partir de um viés revolucionário, como ressalta Bloch, isso porque, no mundo desperto, podemos questionar o sistema que vivemos, a leis, as normas, as opressões. Diante de tal reconhecimento, podemos caminhar em direção a um outro mundo possível, o mundo com o qual se sonha.

Considerações finais

Essa pesquisa buscou pensar e refletir sobre as representações oníricas infantis e as múltiplas formas que as crianças possuem de ver e entender o mundo. Narrar essa história que transitou pelos sonhos se mostrou uma aventura, algo mágico que foi se desvendando e se articulando na busca de representações que possam contribuir nesta perspectiva, e, assim, olhar através das infâncias para este momento cultural e social no qual estamos inseridos. Essa pesquisa buscou por uma abordagem que se aproximasse dos marcos de uma educação sensível, voltada para a diversidade cultural e social, e, ainda, para a troca de conhecimentos, apontando para novas possibilidades de se pensar e articular a produção de conhecimento e a experimentação artística dentro do campo da Educação e das Ciências Humanas; afirmando-se a partir dos pressupostos defendidos pelo grupo de pesquisa Grupo Interdisciplinar de Pesquisa Narrativas, Arte, Linguagem e Subjetividade (GIPNALS). Nesse sentido, aponto para uma pesquisa que se consolidou a partir da troca de saberes, afirmando um processo de

construção de conhecimento que buscou e busca se afirmar a partir do Outro, evidenciando o processo de alteridade.

Por meio de seus sonhos, Helena se expressa, transmite verdades que se apresentam como testemunhos de uma cultura, em que não somente Helena vive, mas milhares de crianças, que sonham... com uma vida melhor, com uma casa, com uma família, com outros lugares e tempos, com brinquedos e castelos. Essas crianças, que se expressam através da voz de Helena, mostram e denunciam os acontecimentos que presenciam e mostram a face da realidade em que vivem. Contar uma história pelos sonhos me permitiu olhar para o testemunho de uma cultura que se apresenta no agora. E, através de Helena, olho para a sociedade capitalista e suas mais diversas formas de exploração. Olho para uma modernidade lançada de promessas, mas que nega às infâncias tantos sonhos.

Nesse sentido, as infâncias e seus sonhos se apresentaram como protagonistas desta história, que transita entre lampejos de esperanças e promessas, nos rerepresentando um novo olhar sobre o mundo, em que os sonhos se colocam como fio narrativo dessa história.

Referências

- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ALMEIDA, L. R. *Estar em movimento é estar vivo: territorialidade, pessoa e sonho entre famílias tupi guarani*. 2016. 248f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, 2016.
- ALVES, A. N. R. *Juventude quilombola: projetos de vida, sonhos comunitários e luta por reconhecimento*. 2015. 207f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.
- AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas*. São Paulo: Musa Editora, 2004.
- APPOLARI, V. A. S. *Pinturas e sonhos do videogame: o surrealismo no processo criativo e apreciação de pintura inspirada em jogos eletrônicos*. 2015. 165f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Estadual de Campinas, 2015.
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v. 1).
- BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.
- BLOCH, E. *O princípio esperança*. v. 1. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2005.
- BUSSOLETTI, D. M. *Infâncias Monotônicas - Uma rapsódia da Esperança: Estudo psicossocial cultural crítico sobre as representações do outro na escrita de pesquisa*. Porto Alegre, 2007. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007.
- BUSSOLETTI, D. M. *Margaridas sem Terra: identidade em representação*. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária da UFPel, 2010.
- BUSSOLETTI, D. M.; GUARESCHI, P. A. Infâncias Monotônicas: representações da alteridade na escrita de pesquisa. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p. 303-313, 2011.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. *Sobre o pensamento antropológico*. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 2003.

- CARVALHO, R. T. C. *Sonho dentro de um sonho: estudo de estruturas narrativas oníricas para o desenvolvimento do roteiro de um videogame*. 2014. 153f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Artes) – Universidade de São Paulo, 2014.
- CIAMPA, A. C. *A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio em Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CLIFFORD, J. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.
- CORRÊA, E. G. *O “artesanato de si” de mulheres assentadas do MST: um processo político pedagógico feminista pelo viés da Educação Popular*. 2017. 153f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, 2017.
- COSTA, C. J. S. *Seu Paulo – a escrita no barro: um Outro Sujeito, um Sujeito Outro, uma Pedagogia Outra, uma Outra Pedagogia*. Pelotas, 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, 2014.
- DUARTE, K. S. *Educação desordeira: poéticas das infâncias em vídeoarte*. 2017. 141f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de PósGraduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.
- FREIRE, P. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. Notas de Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, P. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. Ana Maria Araújo Freire - organizadora. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- FREITAS, A. L. S. Prefácio – Pedagogia dos sonhos possíveis: a arte de tornar possível o impossível. In: FREIRE, P. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. Ana Maria Araújo Freire - organizadora. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- GOMES, D. S. *Tecendo sonhos com fios de resistência: o caso das mulheres rendeiras do Assentamento Maceió – Itapipoca/CE*. 2014. 256f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal do Ceará, 2014.
- HAERTER, L. *Narrativas quilombolas: outras histórias e pedagogias*. 2017. 204p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.
- JOBIM E SOUZA, S. *Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*. Campinas, SP: Papyrus, 2009.
- JOBIM E SOUZA, S. *Subjetividade em questão: a infância como crítica da cultura*. São Paulo: 7 Letras, 2000.
- JODELET, D. *Loucura e representações Sociais*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- KOHL, Tatiani Müller. *Sonhos e escrita de pesquisa: Por uma Pedagogia da Trama*. 2023. 147 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.
- LIMULJA, H. C. L. R. *O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos yanomami (pya ú – toototopi)*. 2019. 153p. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.
- LÖWY, M. *A jaula de aço: Max Weber e o marxismo weberiano*. São Paulo: Boitempo, 2014.

LÖWY, M. Prefácio - Walter Benjamin, crítico da civilização. In: BENJAMIN, W. *O capitalismo como religião*. São Paulo: Boitempo, 2013.

LÖWY, M. *Revolta e melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade*. São Paulo: Boitempo, 2015.

MARTINS, F. S. *A Pedagogia do Fuxico: saberes e vivências de um Griô Aprendiz ao ritmo de Sirley Amaro*. 2022. 153f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022.

MARTINS, F. S. *É pela arte toda, pela história de vida: as representações da música nas Vivências Griô, da Mestra Sirley Amaro*. 2018. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Boitempo, 2014.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

NASCIMENTO, M. B. *Sonhos roubados: o drama da realidade de crianças, adolescentes e jovens à mercê das vulnerabilidades sociais*. 2016. 102f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Centro Universitário de Bauru, 2016.

PEREIRA, R. M. R.; JOBIM E SOUZA, S. Infância, conhecimento e contemporaneidade. In: KRAMER, S.; LEITE, M. I. (org.). *Infância e produção cultural*. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

REFATTI, D. *Os sonhos e os caminhos do NHE'E: uma etnografia da experiência onírica como fonte de conhecimento entre os AVA-GUARANI de OCOY*. 2015. 169 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

RIBEIRO, A. S. *Imagens embriagadas – A cruzada das crianças – Barbárie e reencantamento do mundo*. 2018. 143 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

SARMENTO, M. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, 2005.

SARMENTO, M. As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade. In: SARMENTO, M.; CERISARA, A. *Crianças e Miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*. Porto: Edições ASA, 2004.

SOARES, M. R. *Juventude e vulnerabilidade social*. 2016. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2016.

SOUZA, N. P. M. *Mulheres da EJA: entre sonhos e desafios da continuidade na escolarização de alunas da rede municipal de Seropédica- RJ*. 2015. 129f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2015.

SPINK, M. J. *O conhecimento no cotidiano*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

RECEBIDO: 29/01/2024

RECEIVED: 29/01/2024

APROVADO: 21/04/2024

APPROVED: 21/04/2024